

# Mecanismos linguístico-discursivos e diferenciação de linguagem e género

Mariana Filipa da Silva Pinto<sup>1</sup>

Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)

Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

[marianafilipa.pinto@gmail.com](mailto:marianafilipa.pinto@gmail.com)

**Resumo:** A identidade de género é intrínseca à expressão linguística e é construída através do discurso, dos mecanismos linguístico-discursivos utilizados e da atitude comunicativa adotada. Determinadas escolhas linguísticas são associadas, pela sociedade, a um género em particular, o que contribui para a construção de estereótipos de género, nomeadamente na área da linguagem. Devido à perpetuação de categorizações estereotipadas, este estudo propõe-se a investigar a diferenciação de género no discurso, com o objetivo de identificar e caracterizar regularidades nos usos linguísticos entre homens e mulheres. Para tal, foi elaborado um questionário, no qual se testaram enunciados potencialmente representativos do discurso masculino e do discurso feminino, organizados por tipos de atos de fala e caracterizados por diferentes graus de força ilocutória. As respostas fornecidas pelos participantes foram ao encontro das expectativas iniciais e demonstram que, de facto, existem usos linguísticos que são identificados como sendo típicos do homem e da mulher. Conclui-se, principalmente, com base na análise qualitativa e quantitativa dos dados, que os atos expressivos e compromissivos com força ilocutória elevada e os atos diretivos com força ilocutória mitigada foram associados com mais frequência à mulher e, contrariamente ao que era expectável, os atos assertivos com força ilocutória intensificada não foram associados predominantemente ao homem.

**Palavras-chave:** Diferenciação de género na linguagem; Usos linguísticos diferenciados por género; Atos ilocutórios; Modalização; Modalidades; Força ilocutória.

**Abstract:** Gender identity is intrinsic to linguistic expression and is constructed through discourse, the linguistic-discursive mechanisms used, and the communicative attitude adopted. Certain linguistic choices are associated by society with a particular gender, which contributes to the construction of gender stereotypes, particularly in the area of language. Due to the perpetuation of stereotypical categorizations, this study aims to investigate the gender differentiation in discourse, in order to identify and characterize regularities in the linguistic uses between men and women. To this end, a questionnaire was designed, in which utterances potentially representative of male and female speech were tested, organized by types of speech acts and characterized by different degrees of illocutionary force. The answers provided by the participants met initial expectations and demonstrate that, indeed, there are linguistic uses that are identified as being typical of men and women. It is mainly concluded, based on the qualitative and quantitative analysis of the data, that expressive and commissive acts with high illocutionary force and directive acts with mitigated illocutionary force were more frequently associated with women and, contrary to what was expected, assertive acts with intensified illocutionary force were not predominantly associated with men.

<sup>1</sup> A autora é financiada pela FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., ref. 2024.03020.BD.

**Keywords:** Gender differentiation in language; Gendered language uses; Illocutionary acts; Modalization; Modalities; Illocutionary force.

## 1. Introdução

O presente estudo debruça-se sobre as diferenças de género na linguagem, ou seja, sobre os usos linguísticos diferenciados através de determinados mecanismos linguístico-discursivos por género. A escolha do tema abordado prende-se com a sua relevância para a atualidade, com o intuito de se compreender como é que a identidade de género é uma construção social que se pode refletir e cristalizar nas escolhas linguísticas dos falantes. Para se desconstruir categorizações estereotipadas e convenções sociais que se perpetuam inconscientemente, é necessário estudar, observar e interpretar as mesmas a partir de dados concretos, e essa é a finalidade basilar do estudo em causa.

Os objetivos gerais a atingir com a realização deste trabalho são identificar regularidades estereotipadas nos usos linguísticos de homens e mulheres, caracterizar as regularidades identificadas e interpretá-las, de modo a trazer evidências científicas para o estudo deste tema. As questões de investigação a que se pretende responder poderão ser formuladas do modo que se segue: “Será possível identificar regularidades estereotipadas nos usos linguísticos entre homens e mulheres?”; “Se existem, que tipos de regularidades são essas?”. Quanto às hipóteses, baseadas na proposta de Lakoff (1975) sobre diferenças de género no discurso, estas são colocadas da seguinte forma: (i) Os usos linguísticos do homem e da mulher diferem; (ii) Os atos expressivos e compromissivos de força ilocutória elevada são mais associados ao género feminino; (iii) Os atos assertivos de força ilocutória elevada são mais associados ao género masculino; (iv) O discurso da mulher contém mais mecanismos que mitigam a força ilocutória dos atos diretivos que o discurso do homem. O propósito principal neste estudo é, portanto, avaliar o modo como os estereótipos de género no discurso são percecionados em diferentes tipos de atos ilocutórios, tendo por base as intuições de Lakoff.

A abordagem metodológica deste estudo é quali-quantitativa, uma vez que se incluirá a interpretação e descrição dos resultados e a consequente quantificação dos mesmos. Acerca das limitações subjacentes à realização da pesquisa, a primeira restrição a destacar é a de tempo, uma vez que o espaço temporal disponível para a recolha dos dados foi relativamente curto, negando assim a possibilidade da análise de uma amostra de maior dimensão. A segunda e última restrição a apontar diz respeito ao acesso limitado a grupos de participantes específicos,

por exemplo, com faixas etárias mais avançadas (adultos com mais de 40 anos e idosos) e também homens (houve um número significativamente superior de mulheres a participar neste estudo, em comparação com o número de homens). Como o instrumento utilizado para o estudo foi construído e divulgado *online*, maioritariamente entre jovens adultos que frequentam o Ensino Superior, a amostra não abrange, especialmente, grande diversidade de faixas etárias e habilitações literárias, e esse é um fator que deverá ser levado em conta em trabalhos futuros.

Os resultados do estudo comprovam, sobretudo, as hipóteses anteriormente levantadas, havendo apenas uma hipótese que não é, na sua totalidade, confirmada, mas sim refutada. A partir dos resultados obtidos, reconhece-se que existem, efetivamente, regularidades estereotipadas distintas em relação ao modo de expressão dos géneros masculino e feminino. Os mecanismos linguístico-discursivos utilizados no discurso também são percecionados diferentemente dependendo do género. Para além disso, entende-se que determinados tipos de atos ilocutórios são mais associados a um dado género, tendo em consideração a variação da força ilocutória com a qual são produzidos. Acima de tudo, são captados estereótipos de género na linguagem, dado que grande parte dos participantes envolvidos no estudo fez as associações que eram esperadas, o que valida a maioria dos pressupostos previamente apresentados.

## 2. Revisão de literatura

### 2.1. Diferença de género no discurso

Na esfera social circulam, inconscientemente, noções estereotipadas sobre diferenças de género, que se perpetuam amplamente, nomeadamente através de perceções convencionadas em relação ao modo como os homens e as mulheres comunicam e utilizam a linguagem. Estes estereótipos de género, enraizados na sociedade, persistem devido às tradições culturais que prescrevem diferentes papéis sociais para os géneros masculino e feminino e, por causa destas tradições, espera-se consequentemente certos padrões de comportamento de cada um dos géneros, até no modo de expressão e na atitude linguística (McMillan et al., 1977). É de realçar que os diferentes meios de comunicação (e.g. jornais, televisão, anúncios, literatura, música, filmes) moldam a compreensão do ser humano em relação à ideia de género e podem levar à assimilação e ativação subconsciente de estereótipos, como a diferenças de género no discurso: “Stereotypes about how men and women speak reveal insights into our attitudes about what men and women are like or what we think they are supposed to be like.” (Romaine, 1998, p. 5).

Tendo em conta a conceção de categorização de género e, especificamente, a diferenciação de género na linguagem, acredita-se que os mecanismos linguístico-discursivos utilizados pelo homem e pela mulher em sede de discurso diferem e contrastam em alguns aspetos, em todas as comunidades linguísticas: "The linguistic forms used by women and men contrast – to different degrees – in all speech communities." (Holmes, 2013, p. 159). Deste modo, levanta-se a hipótese de que ambos os géneros enfatizam diferentes funções quando se expressam, como por exemplo, no nível de cortesia (Holmes, 2013). Nas várias áreas da Linguística, fazem-se distinções claras entre os usos linguísticos do homem e da mulher. Especificamente na área da Pragmática, várias pesquisas sugerem que o discurso feminino é mais saturado por expressões de cordialidade e educação do que o discurso do homem em situações equiparáveis, sendo que as mulheres evitam com mais frequência ordens diretas, optando pela formulação de construções imperativas em forma de pergunta (Ely & Gleason, 2002).

Num primeiro momento, as diferenças de género no discurso foram exploradas em estudos sobre dialetos sociais (Holmes, 2013). Porém, Lakoff (1975), em *Language and Woman's Place*, dá origem a uma nova abordagem sobre o assunto, concentrando a sua atenção nos domínios sintático, semântico e estilístico e identificando alguns mecanismos linguísticos que considera característicos do discurso da mulher, como o uso de determinados adjetivos que indicam admiração ou aprovação, chamados *empty adjectives* (e.g. adorável, divino, fofo), de intensificadores (e.g. imenso, muito), de recursos sintáticos específicos como *tag questions* que atenuam a força ilocutória das asserções (e.g. (...), *não está?*; (...) *não é?*), de expressões reforçadas de cortesia, ou *superpolite forms* (e.g. ordens ou pedidos indiretos), de termos precisos na descrição de cores (e.g. cor lavanda, malva, *taupe*), entre outros traços (e.g. entoação crescente em afirmações ou no final das frases, uso de *filler words*, hipercorreção gramatical). As características linguísticas assinaladas, segundo a opinião de Lakoff (1975), expressam, sobretudo, incerteza, hesitação e falta de confiança na enunciação discursiva, podendo ser ilustradas numa divisão em dois grupos: (i) mecanismos linguísticos que reduzem a força do enunciado e, consequentemente, sinalizam insegurança e incerteza no discurso; (ii) mecanismos linguísticos que reforçam o enunciado, como tentativa de persuadir o interlocutor a acreditar no que é dito pelo locutor. Com base nesta divisão, parece que a mulher mitiga a força ilocutória dos seus enunciados para retirar convicção naquilo que diz e evitar a expressão de afirmações categóricas e, noutros momentos, eleva a força ilocutória por receio de não ser ouvida ou levada a sério (Holmes, 2013). De modo geral, o discurso proferido pela mulher é menos assertivo do que o discurso produzido pelo homem, e simultaneamente mais “apropriado”

e cortês (Lakoff, 1975). As hipóteses propostas por Lakoff (1975) sobre o discurso feminino foram criticadas pela ausência de evidência empírica, isto é, por se basearem unicamente em intuições, introspeções e observações (Coates, 2015). Contudo, existem estudos sobre usos linguísticos diferenciados por género que apoiam e comprovam algumas das suposições teóricas delineadas pela autora, mas mais importante ainda, trazem novas descobertas científicas sobre diferenças de género na linguagem e no discurso.

### 2.1.1. Estudos sobre usos linguísticos diferenciados por género

Importa salientar trabalhos de investigação que incidem sobre usos linguísticos diferenciados por género e os seus contributos para o desenvolvimento e exploração do tema. Contudo, é de notar que, inicialmente, alguns estudos na área foram considerados metodologicamente pouco sofisticados devido a restrições artificiais, uma vez que estas dificultaram a captação de discurso autêntico (Holmes, 2013). É igualmente importante destacar que, por causa da variedade de métodos utilizados para recolher e analisar dados neste âmbito, os resultados das pesquisas eram frequentemente contraditórios (Holmes, 2013).

Os primeiros estudos a realçar focalizam o uso de *tag questions* e as funções que podem servir discursivamente (cf. Dubois & Crouch, 1975; Holmes, 1984; Cameron, McAlinden & O’Leary, 1988). Num dos estudos (Holmes, 1984), foram descobertos padrões de uso das *tag questions*, num *corpus* constituído por cerca de 60,000 palavras, que contém discursos proferidos por homens e mulheres em contextos coincidentes. Constatou-se que, de facto, as mulheres recorrem ao uso de *tag questions* mais frequentemente do que os homens como Lakoff (1975) tinha previsto, mas para a transmissão de diferentes funções linguístico-discursivas. Os homens utilizam *tag questions* para expressar, sobretudo, incerteza, enquanto as mulheres não só as utilizam para a expressão de dúvida, como também com a intenção de facilitar a comunicação: “Women put more emphasis than men on the polite or affective functions of tags, using them as facilitative positive politeness devices. Men, on the other hand, used more tags for the expression of uncertainty.” (Holmes, 2013, p. 307).

Outros estudos importantes a frisar (cf. Zimmerman & West, 1975; Eakins & Eakins, 1979; West & Zimmerman, 1983; Hyndman, 1985; James & Clarke, 1993) prendem-se com a quantidade de interrupções que os homens e as mulheres executam numa dada situação comunicativa. Embora exista o estereótipo de que o género feminino é o género mais falador, veiculado através de alguns provérbios como “Women’s tongues are like lambs’ tails; they are

never still” (Holmes, 2013, p. 311), a verdade é que grande parte das pesquisas científicas evidenciam o contrário, uma vez que o gênero masculino é o que parece dominar o tempo de fala nos diferentes tipos de contextos de comunicação, nomeadamente nos contextos comunicativos públicos (e.g. entrevistas de televisão, reuniões de trabalho, discussões de conferência, etc.). Num dos estudos em questão (Zimmerman & West, 1975) nota-se que, em interações que incluem pessoas apenas do mesmo gênero, as interrupções distribuem-se uniformemente, mas em interações que abrangem os gêneros masculino e feminino, o gênero masculino é o que interrompe mais frequentemente. Noutros contextos mais formais, como por exemplo uma consulta médica entre doutor-paciente (West, 1984), o padrão mantém-se: as mulheres são interrompidas com mais frequência do que os homens, independentemente da ocupação/cargo ou papel desempenhado. Estes estudos em particular, centrados na pesquisa sobre interrupções executadas em situações comunicativas por gênero, indicam que as mulheres esperam ser interrompidas devido à organização patriarcal da sociedade, o que faz com que os homens dominem as interações independentemente da posição social ou profissional que ocupam: “The societally subordinate position of women indicated by these patterns has more to do with gender than role or occupation. (...) women’s subordinate position in a male-dominated society seems the most obvious explanatory factor.” (Holmes, 2013, p. 315).

Há um outro estudo relevante (Holmes, 2013), no qual se fez uma análise da distribuição de *feedback* positivo (sons que indicam aprovação e encorajam o interlocutor a continuar a falar) em interações entre jovens. Depreendeu-se, sobretudo, que as mulheres utilizaram quatro vezes mais este tipo de *feedback* quando comunicavam do que os homens. Outros estudos americanos também demonstraram que, tanto em contexto informal como em laboratório, tipicamente as mulheres fornecem respostas significativamente mais encorajadoras para os interlocutores que participam na situação comunicativa do que os homens (Holmes, 2013). Parece que, então, as mulheres se revelam como sendo mais cooperativas durante a comunicação com as pessoas que partilham o mesmo contexto de comunicação do que os homens, e não propriamente inseguras, como Lakoff (1975) antecipou: “Analyses which take account of the function of features of women’s speech often suggest that women are facilitative and supportive conversationalists, rather than unconfident, tentative talkers.” (Holmes, 2013, p. 308). É ainda interessante mencionar que, em contextos informais, relaxados, de interação em grupo, onde o tema de conversa é dedicado a *gossip*, as mulheres costumam focar-se em experiências, vivências e relações pessoais, em problemas e sentimentos íntimos, enquanto os tópicos abordados pelos homens no mesmo contexto são reservados a atividades ou objetos, concentrando a atenção em

informação e factos, e não tanto em emoções e reações (Holmes, 2013). Há também estudos (cf. Coates, 1988; Pilkington, 1989) que analisam esta divergência de assuntos ou temas em sessões de *gossip* entre homens e mulheres, que ilustram a atitude cooperativa e concordante entre as mulheres e a atitude de crítica, argumentativa e desafiante entre os homens.

Mais recentemente, no domínio tecnológico e das redes sociais, o estudo de Tannen (2012) captou padrões de uso de uma linguagem mais emotiva e enfática no discurso de mulheres, através da repetição de letras, palavras ou marcas de pontuação e da utilização mais frequente de letras maiúsculas. Estas escolhas discursivas contribuem para o reforço da entoação e alongamento dos sons, como estratégia de se enfatizar a expressividade comunicativa em mensagens de texto. Já o discurso adotado por homens em contexto virtual parece dar lugar, mais frequentemente, a interpretações que poderão não corresponder à realidade por não se expressarem com a mesma intensidade (e.g. maior seriedade discursiva através do uso de pontos finais ou da construção de mensagens mais curtas e diretas), levando à sensação de falta de entusiasmo ou de um possível distanciamento emocional.

Em suma, existe uma compilação extensa de pesquisas relacionadas com usos linguísticos diferenciados por género, por isso é indispensável relembrar que os estudos em destaque nesta secção proporcionam apenas uma visão geral do tema deste estudo.

## 2.2. Atos ilocutórios

Nesta secção e nas seguintes, serão introduzidas algumas noções pragmático-discursivas que são importantes para se compreender os conteúdos discutidos ao longo do estudo, principalmente na parte dedicada aos resultados obtidos. De acordo com Searle (1969; 1979), todo o enunciado corresponde a uma ação: a linguagem é perspectivada como uma forma de agir, dado que os enunciados funcionam como atos de fala. A área da Pragmática, tendo por base as ideias teóricas de Searle (1979), faz uma classificação relativa às intenções que estão por detrás das produções linguísticas que os falantes executam. Com uma economia de meios, o autor recorre a um número mínimo de atos, definindo cinco categorias básicas de atos ilocutórios (*speech acts*) que abarcam todo o fenómeno linguístico: atos assertivos, diretivos, compromissivos, expressivos e declarativos. Além disso, o autor propõe critérios diferentes para a distinção dos atos referidos: *direction of fit* (relação das palavras com o mundo); *psychological state* (estado psicológico do falante); *illocutionary point* (objetivo comunicativo subjacente ao ato ilocutório). Nos atos assertivos, o objetivo ilocutório é a descrição de um dado



real, ou seja, representa-se (de forma exata ou imprecisa) um dado estado de coisas. Neste ato ilocutório, as palavras ajustam-se ao mundo porque o descrevem e o estado psicológico que o falante comunica é o de crença. Os atos diretivos representam tentativas, em graus variados, por parte do falante de levar o ouvinte a executar uma determinada ação futura. Neste caso, o mundo ajusta-se às palavras porque são executadas no sentido de ele sofrer uma alteração. O estado psicológico comunicado é o de desejo de o mundo mudar em função das palavras expressas. Nos atos compromissivos, o falante compromete-se a executar uma dada ação futura. Pretende-se ajustar as palavras ao mundo e o estado psicológico transmitido é o de intenção, uma vez que o falante revela a intenção de fazer alguma coisa futuramente. Nos atos expressivos, é realçado o estado mental ou emocional do falante em relação a um dado estado de coisas. Não há direccionalidade neste tipo de ato e a previsibilidade ilocutória é quase impossível, uma vez que a maior parte dos estados psicológicos podem ser expressos de múltiplas formas linguísticas. É de sublinhar que Lopes (2018) faz a distinção entre dois tipos de atos expressivos: atos expressivos prototípicos, fortemente institucionalizados, que se materializam em material linguístico convencional e que são determinados por convenções sociais (e.g. ato de pedido de desculpa, ato de parabenização ou de felicitações, ato dos pêsames) e atos expressivos que traduzem genuinamente emoções, sentimentos e avaliações subjetivas do falante, os quais são difíceis de estabilizar porque podem ser executados linguisticamente de forma muito diversificada (e.g. ato de desagrado, ato de felicidade, ato de crítica). Por último, os atos declarativos almejam trazer um novo estado de coisas à existência. Trata-se de atos que exigem um enunciador autorizado para consumir uma alteração no mundo, atendendo a fórmulas ritualizadas. A linguagem coincide com a realidade neste tipo de ato de fala (correspondência entre o conteúdo proposicional e o mundo), e não há um estado psicológico específico que o caracterize. Ainda segundo uma distinção feita por Austin (1962), dentro dos atos ilocutórios distinguem-se os atos performativos explícitos dos atos performativos primários, sendo os primeiros aqueles em que é possível identificar explicitamente o ato executado (o verbo performativo correspondente ao ato encontra-se verbalizado) e os segundos aqueles que não são possíveis de identificar explicitamente (o verbo performativo correspondente ao ato não se encontra verbalizado). Existem, também, atos linguísticos indiretos, que envolvem dois objetivos ilocutórios num mesmo enunciado (um explícito e outro implícito). Nestes atos, o locutor tem a intenção de querer dizer algo diferente daquilo que efetivamente diz, sendo que o ato primário corresponde ao objetivo ilocutório do enunciador, porque é aquele que se pretende executar, mas está escondido por detrás de material linguístico enganador.



### 2.3. Modalidade e modalização

A modalidade, modalização e modificação da força ilocutória são também conceitos importantes para o entendimento do tema deste estudo. Em primeiro lugar, a modalidade é a gramaticalização de atitudes e opiniões dos falantes, correspondendo a um fenómeno de grande amplitude (Oliveira, 1993). Existem várias propostas teóricas que versam sobre o conceito da modalidade (cf. Bally, 1944; Lyons, 1970; Meunier, 1974; Halliday, 1985; Fairclough, 2003; Oliveira & Mendes, 2013), porém as propostas a serem adotadas para este estudo são de Campos e Xavier (1991), Campos (1998) e Campos (2004), que fazem uma tipologia tripartida de modalidade: modalidade epistémica, modalidade apreciativa e modalidade intersujeitos ou deôntica. A modalidade epistémica relaciona-se com o grau de conhecimento e de crença que o enunciador tem relativamente ao que enuncia. Dependendo, então, do grau de conhecimento ou crença que o enunciador tem acerca daquilo que diz, ele pode marcar os seus enunciados com diferentes graus de certeza ou dúvida. Para marcar uma atitude em relação ao enunciado, o sujeito falante tem ao seu dispor diversas opções linguísticas, como operadores modais com valor funcional, que servem para a transmissão do grau de conhecimento ou crença face ao enunciado produzido. O falante posiciona-se num determinado ponto da escala epistémica (+ certo; - certo), ou seja, pode apresentar o conteúdo do seu enunciado como sendo verdadeiro ou duvidoso, através da produção de uma asserção categórica ou mitigada, respetivamente. A modalidade apreciativa tem a ver com a forma como o enunciador percebe aquilo que enuncia, positiva ou negativamente, por meio da expressão de um juízo de valor ou de uma apreciação sobre um dado conteúdo proposicional. A modalidade deôntica incide sobre a expressão de permissões, proibições, obrigações ou necessidades, permitindo ao sujeito falante agir por meio do seu enunciado sobre outros sujeitos presentes no contexto de enunciação ou no enunciado. Os recursos linguísticos utilizados para a expressão de qualquer uma destas modalidades são de natureza muito diversificada.

A modalização é um outro conceito primordial para o enquadramento deste estudo. Para Oliveira e Mendes (2013), na modalização “ocorre uma reinterpretação da força modal de um enunciado de mais forte para menos forte no âmbito do mesmo domínio modal”. O mesmo movimento mas inverso também é aplicável, em outras palavras, a ocorrência da “reinterpretação da força modal de um enunciado de menos forte para mais forte no âmbito do mesmo domínio modal”. Há outros autores (cf. Kerbrat-Orecchioni, 1980; Charaudeau &

Maingueneau, 2002; Corbari, 2008) que também abordam o conceito da modalização. Em Oliveira e Mendes (2013), o valor modal dos enunciados é expresso com recurso a mecanismos linguísticos variados, tais como: tempos e modos verbais, advérbios, adjetivos, partículas discursivas com diferentes valores modais e sinais de pontuação. É de salientar que existe uma vasta lista de tipos de verbos com função modalizadora, como os verbos semiauxiliares modais (e.g. poder, dever, ter de, haver de) e verbos que veiculam valores modais (e.g. saber, crer, permitir, obrigar). Há ainda advérbios e locuções adverbiais (e.g. talvez, se calhar) que transportam valores modais de crença, assim como os modos indicativo e conjuntivo e alguns tempos gramaticais (e.g. imperfeito e futuro). Além disso, palavras, expressões e construções sintáticas específicas podem receber funções modalizadoras (e.g. possivelmente, é que possível que, há probabilidade de), tal como elementos como a pontuação, a entoação ou outro tipo de sinais gráficos.

### *2.3.1. Relação dos conceitos de modalidade e modalização com outros conteúdos semântico-pragmáticos*

As modalidades apresentadas na secção anterior podem articular-se com os vários tipos de atos ilocutórios introduzidos por Searle. É possível aproximar a modalidade epistémica dos atos assertivos, a modalidade apreciativa dos atos expressivos e, finalmente, a modalidade deontica dos atos compromissivos e diretivos. Nas palavras de Lopes (2011), a modalidade epistémica permite a produção de asserções não estritas ou não categóricas: na escala dos valores assertivos, o quase-certo ou incerto expressos pelos verbos modais “dever” e “poder”, correspondem a graus diferentes de responsabilização do enunciador pela verdade do que diz. Ainda de acordo com a autora, a modalidade deontica, na medida que assere como obrigatória ou permitida uma determinada forma de conduta, corresponde ao objetivo ilocutório de um ato diretivo. Campos e Xavier (1991) afirmam que os atos expressivos marcam, nos enunciados, a construção de um juízo de valor, sobre uma construção predicativa já constituída, o que significa que a modalidade apreciativa já se encontra naturalmente presente no ato ilocutório.

A modalização pode correlacionar-se com a regulação e modificação ilocutória. Em qualquer tipo de ato ilocutório, é possível regular a intensidade com a qual é executado. Instintivamente, o sujeito falante é capaz de diagnosticar quando está perante recursos linguísticos que reforçam ou atenuam a força ilocutória dos enunciados (e.g. aspetos de configuração dos produtos verbais que transmitem mais ênfase, como a curva de entoação).

Segundo Soares (1996), encontram-se diferentes mecanismos linguísticos na modificação ilocutória de atenuação ou de reforço nos atos de fala, podendo-se optar por uma ação discursiva com força ilocutória neutra, reforçada ou atenuada. Cada ato de fala pode ser representado, de acordo com a autora, num “continuum” – escala de valores – que se desenvolve a partir de um polo negativo, situado na zona da modalidade de atenuação, até um polo positivo, localizado na zona da modalidade do reforço, que pode passar por uma multiplicidade de soluções intermédias posicionadas numa zona neutra. As modalidades de intensificação e atenuação são categorias pragmáticas que desempenham funções estratégicas na comunicação: a modalidade de intensificação almeja a eficiência comunicativa, trazendo credibilidade ao discurso e buscando assim a adesão do ouvinte através da intensificação da força ilocutória, enquanto que a modalidade de atenuação é como “uma atividade argumentativa estratégica de minimização da força ilocutória e do papel dos participantes na enunciação para tentar chegar com êxito à meta prevista”, incluindo assim diversos recursos (diminutivos, quantificadores, minimizadores, usos modalizados de tempos verbais, construções concessivas com verbos de dúvida ou opinião) (Briz & Albelda, 2013).

### 3. Metodologia

#### 3.1. Instrumento e procedimentos da recolha de dados

Em primeiro lugar, deu-se lugar a uma breve revisão bibliográfica sobre diferenças de género na linguagem e estudos já compilados anteriormente que confrontam usos linguísticos diferenciados por género, seguidos de um enquadramento teórico sobre determinados conteúdos de natureza pragmática, como os atos ilocutórios, a modalidade e a modalização ilocutória, que serão retomados na secção da apresentação dos resultados e da sua respetiva discussão e interpretação.

Depois, em segundo lugar, foi constituído um pequeno *corpus*, composto por 16 enunciados potencialmente representativos do discurso masculino e 16 enunciados potencialmente representativos do discurso feminino<sup>2</sup>, que poderá ser consultado em anexo (anexo 1). A seleção e divisão dos enunciados por género resulta, essencialmente, dos critérios

---

<sup>2</sup> Por questões de simplificação e de fluidez de leitura, a expressão “enunciados potencialmente representativos do discurso masculino” passará a ser substituída por “enunciados prototípicos masculinos” e a expressão “enunciados potencialmente representativos do discurso feminino” passará a ser substituída por “enunciados prototípicos femininos”. A atribuição destas etiquetas serve para fazer a distinção entre os dois tipos de enunciados.

de Lakoff (1975), significando que os enunciados prototípicos femininos se basearam nas características que a autora considera ser mais comuns do discurso da mulher, como o uso de expressões ou mecanismos de cordialidade, marcas de incerteza ou hesitação, adjetivos que intensificam a força ilocutória, *tag questions*, etc. Em contrapartida, os enunciados prototípicos masculinos foram pensados e construídos com características distintas, isto é, com escolhas linguístico-discursivas que tornam os atos mais assertivos (com um grau de crença mais certo), menos expressivos ou modalizados com uma força ilocutória diretiva alta. Os enunciados criados foram, portanto, singularizados com algumas diferenças na sua elaboração (através da intensificação ou atenuação da força ilocutória, da presença ou ausência de certos intensificadores, *tag questions*, adjetivos, entre outras diferenças) e organizados em pares correspondentes. A organização dos enunciados em pares<sup>3</sup> representa usos linguísticos estereotipados à luz dos fundamentos introduzidos por Lakoff e, por isso, articulam-se com os seus princípios metodológicos maioritariamente intuitivos: “(...) Lakoff’s methods are wholly consistent with her disciplinary commitments at the time: introspection and native-speaker intuition were the central methodology of linguistic investigation (as, indeed, they continue to be) (...)” (Bucholtz & Kira, 1995: 3). Entende-se, assim, que os critérios de construção dos enunciados deste estudo atenderam às intuições da autora, ou seja, às características que identifica nos discursos de homens e mulheres. Posteriormente, os enunciados foram adaptados a possíveis contextos que se enquadrassem em diferentes objetivos ilocutórios da proposta de Searle. Procurou-se, precisamente, criar atos de fala genéricos e simples (enunciados que correspondem a expressões genéricas de asserções, ordens/sugestões, emoções e promessas/compromissos) que refletissem as particularidades linguístico-discursivas que Lakoff atribui a enunciados produzidos por homens e a enunciados produzidos por mulheres, e testar a validade dessas associações. Tentou-se “isolar” os contextos de enunciação para se criar representações potencialmente estereotipadas. O *corpus* criado consiste em nove pares de enunciados correspondentes a atos ilocutórios expressivos (18 enunciados), em três pares de enunciados correspondentes a atos assertivos (seis enunciados), em dois pares de enunciados correspondentes a atos diretivos (quatro enunciados) e a dois pares de enunciados correspondentes a atos compromissivos (quatro enunciados), ou seja, 32 enunciados ao todo.

---

<sup>3</sup> A organização dos enunciados em pares permitiu não só controlar a análise, mas também perceber como determinados mecanismos linguístico-discursivos, numa comparação direta entre atos de fala correspondentes, são percebidos como sendo mais característicos do discurso de um género ou de outro.

Em terceiro lugar, de forma a testar os pares de enunciados construídos neste estudo, foi elaborado um questionário na plataforma *Google Forms* para o efeito, dirigido apenas a falantes de Português Europeu. O questionário foi divulgado *online*, em diversas redes sociais, tais como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, na aplicação de mensagens instantâneas *WhatsApp* e também através do *e-mail* dinâmico da Faculdade de Letras do Porto (FLUP). No cabeçalho do questionário, introduziu-se a contextualização do estudo, o perfil dos participantes necessários, a temática e a orientação a ser cumprida, com a garantia de que os dados recolhidos seriam utilizados estritamente para fins académicos e tratados de forma absolutamente anónima. A primeira parte do questionário foi dedicada a questões relacionadas com informações pessoais e biográficas dos participantes, como a idade, o género e o nível de escolaridade. A segunda e última parte foi destinada ao *corpus* constituído pelos pares de enunciados prototípicos masculinos e femininos, construídos com o propósito de serem testados. Para cada enunciado, o participante foi solicitado a seleccionar uma das duas seguintes opções: (i) homem; (ii) mulher. A tarefa era a de seleccionar uma das opções referidas, tendo em conta a maior probabilidade de cada enunciado testado ser proferido por um homem ou por uma mulher.

Em último lugar, procedeu-se a uma análise dos dados recolhidos, num primeiro momento qualitativa, com o objetivo de se interpretar, comentar e explicar os resultados obtidos, ou seja, as respostas dos participantes. Para isso, foi selecionado um número restrito de exemplos de análise, isto é, apenas um exemplo para cada tipo de ato ilocutório testado no questionário. Dessa análise qualitativa, serão demonstradas as principais observações, com a respetiva apresentação das percentagens em gráficos. Em seguida, fez-se um tratamento estatístico dos dados, transferidos do *Google Forms* para uma folha de cálculo em *Excel*, a partir dos quais se elaboraram gráficos. Na folha de cálculo onde se trataram os dados, realizou-se uma classificação/anotação a cores para a identificação de cada tipo de ato ilocutório. Para a criação do primeiro gráfico, fez-se uma análise geral quantificada de todos os enunciados incluídos no questionário, dividida por enunciados masculinos e femininos. A partir da funcionalidade de filtragem de intervalos de dados no programa *Microsoft Excel*, verificou-se o número de respostas para cada opção, “homem” e “mulher”, em todos os enunciados. Depois, com os enunciados seccionados por categoria e com o número total de respostas, realizou-se um segundo gráfico com a soma dos valores isolados para cada ato ilocutório, transformados posteriormente em percentagens. Resumidamente, o processo metodológico pode ser considerado como uma sequência das seguintes etapas: (i) revisão bibliográfica sobre diferenças de género na linguagem e estudos relacionados com o tema; (ii) constituição de um

*corpus* com base nas fontes bibliográficas consultadas; (iii) elaboração de um questionário no *Google Forms* para testar o *corpus*; (iii) delimitação da amostra e recolha dos dados; (iv) seleção de exemplos isolados para interpretação e descrição; (v) tratamento estatístico dos dados gerais em *Excel*; (vi) criação de gráficos desenvolvidos para a análise e discussão dos resultados obtidos.

### 3.2. Amostra

Ao todo, foram recolhidas 70 respostas voluntárias ao questionário construído para a elaboração deste estudo. Grande parte dos participantes situa-se na faixa etária entre os 18 e os 24 anos (61,4%), mas verifica-se também a participação de pessoas pertencentes às faixas etárias entre 25 e 34 anos (24,3%), 45 e 54 anos (8,6%), 35 e 44 anos (2,9%), 55 e 64 anos (1,4%) e mais de 65 anos (1,4%). O género predominante nas percentagens de resposta é o género feminino (62,9%), seguido do género masculino (34,3%) e, por fim, outro género, ou seja, não binário (2,9%). O nível de escolaridade com maior percentagem é o nível do Ensino Superior (68,6%), mas o nível do Ensino Secundário também apresenta um peso percentual significativo na totalidade das respostas (28,6%). Os níveis do 2.º Ciclo (1,4%) e 1.º Ciclo (1,4%) também constam na amostra, mas com percentagens muito mais reduzidas. De modo geral, o perfil proeminente na totalidade das respostas são jovens que frequentam o Ensino Superior, do género feminino, com idades entre os 18 e os 24 anos.

## 4. Resultados e Discussão

### 4.1. Análise dos dados

Quanto aos resultados e à subsequente discussão sobre os mesmos, como referido na secção da descrição da metodologia, serão apresentados primeiramente exemplos isolados relativos a cada tipo de ato ilocutório testado no questionário. O primeiro par de enunciados a analisar corresponde a atos ilocutórios expressivos, como demonstrado nos gráficos abaixo:

GRÁFICO 1 – Enunciado prototípico  
masculino (ato expressivo)

“Que cão engraçado.”

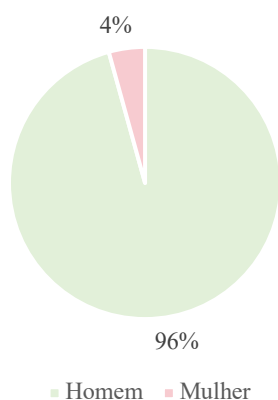
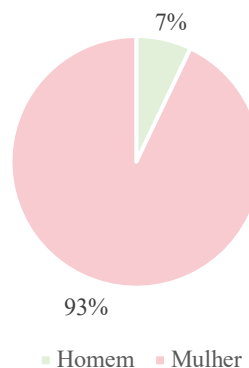


GRÁFICO 2 – Enunciado prototípico  
feminino (ato expressivo)

“Que cão tão fofinho! É mesmo adorável.”



Através das percentagens, verifica-se que há um consenso quase total nas respostas fornecidas pelos participantes. No enunciado prototípico masculino (gráfico 1), bem como no enunciado prototípico feminino (gráfico 2), as percentagens de atribuição ao género esperado são notoriamente elevadas, visto que ambas rondam a percentagem dos 90% (96% para o enunciado masculino e 93% para o enunciado feminino). Considerando as ideias apresentadas na revisão da literatura e as características descritas por Lakoff (1975) com respeito à caracterização do discurso da mulher, adjetivos como “fofinho” e “adorável”, designados como *empty adjectives* pela autora, são associados tipicamente ao género feminino. Já o adjetivo “engraçado”, que diminui a força ilocutória da expressividade do ato em questão, é mais associado ao género masculino quando comparado com o adjetivo utilizado no enunciado feminino. As percentagens refletem a dicotomia entre adjetivos subjetivos afetivos que diminuem ou elevam a força expressiva do ato quando está envolvida uma modalidade apreciativa, isto é, a apreciação de um dado conteúdo proposicional ou a transmissão de um juízo de valor.

Passando para um par de enunciados que representa atos ilocutórios assertivos, nota-se que as percentagens são menos discrepantes do que as que se verificaram nos atos expressivos:



GRÁFICO 3 – Enunciado prototípico masculino (ato assertivo)

“Tenho a certeza de que a solução é esta.”

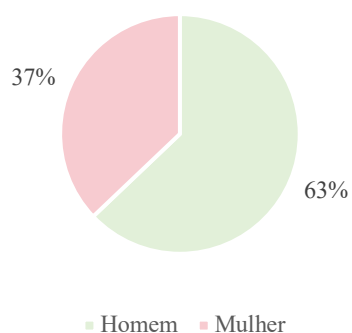
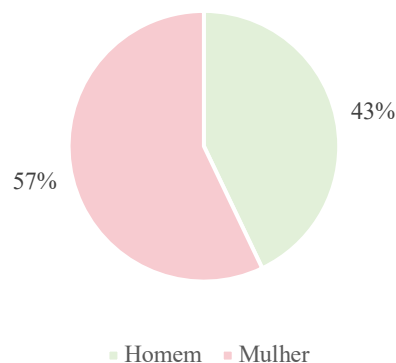


GRÁFICO 4 – Enunciado prototípico feminino (ato assertivo)

“A solução pode ser esta, creio eu.”



Constata-se que, nos atos assertivos, não há grande conformidade nas percentagens das respostas dos participantes. No enunciado prototípico masculino (gráfico 3), nota-se uma percentagem significativa de 37% de atribuição à opção “mulher”, o que quer dizer que um ato com força assertiva elevada, posicionado num ponto elevado da escala epistémica (asserção categórica), é associado por uma parte considerável dos participantes como sendo proferido, preferencialmente, pela mulher. No enunciado prototípico feminino (gráfico 4), caracterizado por uma modalidade epistémica de dúvida através do operador modal “poder” e do verbo “crer” (asserção mitigada), 43% dos participantes optaram pela opção “homem”, ou seja, escolheram a opção contrária ao que era expectável. Este afastamento das expectativas e a dispersividade dos resultados refletem uma mudança social no que concerne aos estereótipos de género, uma vez que o discurso feminino é percecionado, por muitos dos participantes, como sendo firme e convicto, em oposição à proposta de Lakoff (1975) que caracterizou o discurso da mulher como sendo inseguro, duvidoso e hesitante.

No par de enunciados que se segue nos gráficos abaixo, que corresponde a atos ilocutórios diretivos, as percentagens indicam, maioritariamente, consenso entre os participantes:

GRÁFICO 5 – Enunciado prototípico  
masculino (ato diretivo)

“Dá-me uma informação, por favor?”

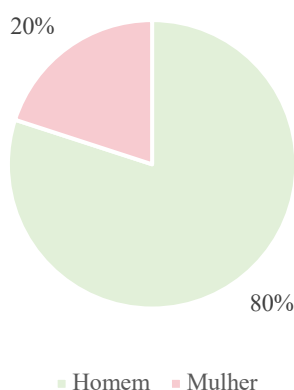
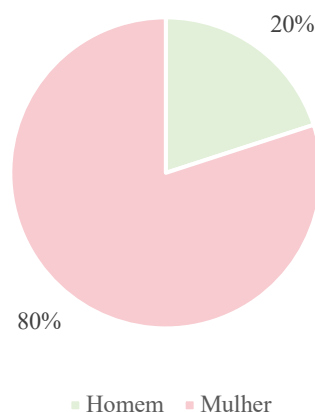


GRÁFICO 6 – Enunciado prototípico  
feminino (ato diretivo)

“Não quero incomodar, mas seria possível dar-me uma informação?”



Verifica-se que tanto no enunciado prototípico masculino (gráfico 5) como no enunciado prototípico feminino (gráfico 6), as percentagens são equivalentes, com 80% de atribuição à opção prevista em ambos. No caso do enunciado masculino, o ato diretivo perfaz-se, mais claramente, como um ato diretivo imperativo, marcado pela modalidade deontica de ordem, acompanhado da expressão atenuadora “por favor” no final. O enunciado feminino, por outro lado, está carregado de mecanismos linguísticos que mitigam a força ilocutória do ato diretivo, como a expressão inicial “não quero incomodar” e o modo verbal condicional “seria” que indicam uma solicitação educada. A diferença principal entre os dois enunciados está no nível de cortesia e, também, no tipo de ato: o enunciado masculino aproxima-se a um ato diretivo de ordem embora contenha uma interrogação, já o enunciado feminino efetua-se como um ato diretivo explícito de pergunta, em que o ato primário é o de pedido. Lakoff (1975) estabeleceu que, no discurso feminino, é mais comum a utilização de mecanismos que contribuem para o reforço do nível de cortesia, denominados *superpolite forms*, que mitigam a força ilocutória dos atos de fala diretivos. Parece que, com base nas respostas dos participantes, a hipótese da autora é comprovada.

Por fim, o par de enunciados que manifesta atos de fala compromissivos aparenta, de modo semelhante aos atos diretivos, uma concordância relativa nas respostas dos participantes:

GRÁFICO 7 – Enunciado prototípico  
masculino (ato compromissivo)

“Podes contar comigo.”

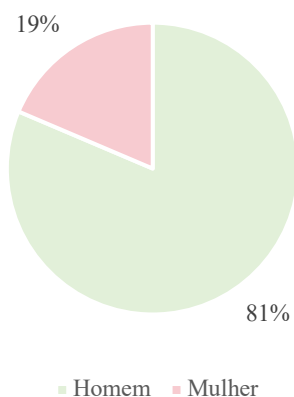
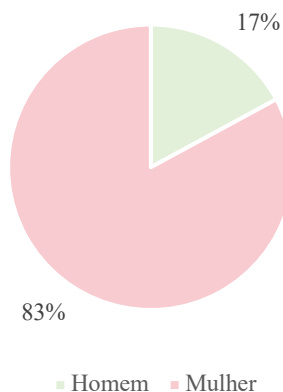


GRÁFICO 8 – Enunciado prototípico  
feminino (ato compromissivo)

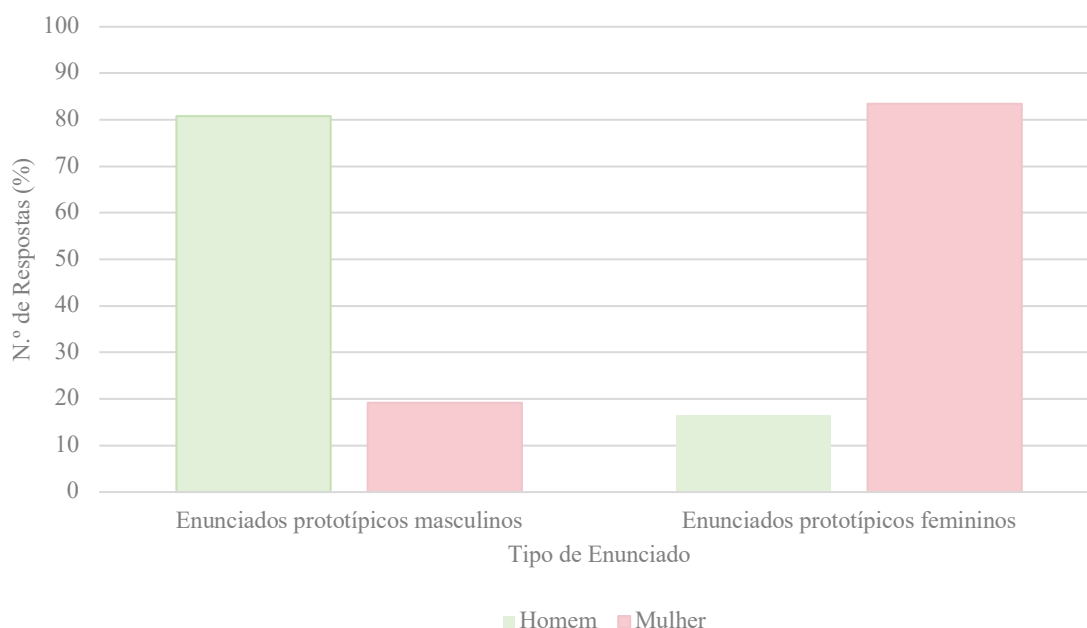
“Prometo que vou estar aqui para ti  
sempre que precisares de mim!”



As percentagens patenteadas nos dois enunciados, no prototípico masculino (gráfico 7), assim como no prototípico feminino (gráfico 8), encontram-se próximas em termos de atribuição à opção calculada. O enunciado masculino traduz-se num ato performativo primário, uma vez que o verbo correspondente ao tipo de ato não se encontra verbalizado, porém, está subentendida a produção de um ato compromissivo com força ilocutória mais atenuada. No enunciado feminino, a força ilocutória do ato compromissivo está mais intensificada, porque o ato está explicitado através da verbalização do verbo “prometer” formulado no início do enunciado, que corresponde ao tipo de ato expresso, isto é, de promessa. Cerca de 80% dos participantes fizeram a associação que era esperável, o que corrobora e valida mais uma vez as intuições de Lakoff (1975). As percentagens sugerem que o discurso feminino não é tido em consideração do mesmo modo que o discurso masculino, o que conduz ao reforço e elevação constante dos enunciados produzidos pela mulher, até mesmo na formulação de compromissos/promessas, à exceção dos atos assertivos.

Após a análise individual e exemplificada de cada tipo de ato ilocutório testado no questionário, segue-se a apresentação de gráficos que expõem os resultados de modo generalizado, tendo em conta todos os enunciados contemplados no estudo. O primeiro gráfico a considerar mostra a distribuição dos tipos de enunciado pelas opções de escolha (“homem” ou “mulher”), concernindo à associação dos enunciados prototípicos masculinos com a opção “homem”, e a associação dos enunciados prototípicos femininos com a opção “mulher”:

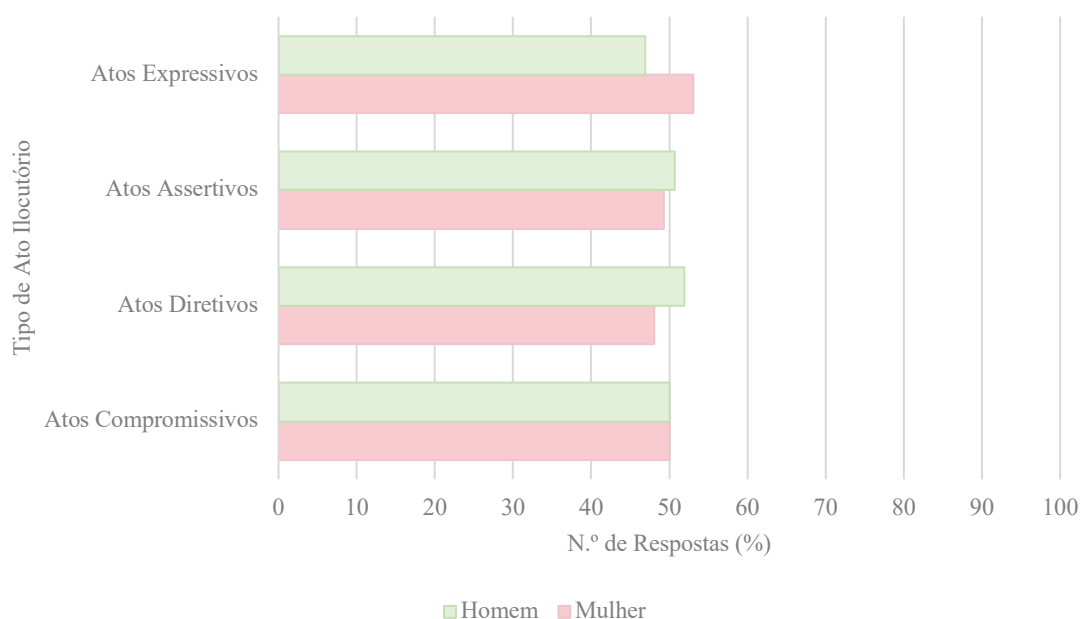
GRÁFICO 9 – Distribuição do tipo de enunciado pelas opções de escolha



Percebe-se, pelas percentagens presentes no gráfico (gráfico 9), que a maior parte dos participantes associou os enunciados prototípicos ao género pressuposto. Cerca de 80% dos participantes associaram os enunciados prototípicos masculinos à opção “homem” (80,8%) e o mesmo acontece com os enunciados prototípicos femininos, com a opção “mulher” (83,5%). Esta associação percentual elevada poderá significar que existe uma ideia pré-concebida relativa à forma como cada género se expressa e, também, quanto aos recursos linguísticos utilizados com mais regularidade por cada um dos géneros no seu discurso. Apenas uma minoria (19% nos enunciados prototípicos masculinos e 16% nos enunciados prototípicos femininos) não seguiu o padrão, isto é, o que era efetivamente expectável das respostas.

Por fim, o segundo e último gráfico a apresentar é alusivo à distribuição de cada tipo de ato ilocutório pelas opções de escolha, onde é possível observar as percentagens de atribuição dos participantes isoladamente:

GRÁFICO 10 – Distribuição de cada tipo de ato ilocutório pela opções de escolha



Observa-se, no gráfico (gráfico 10), que as percentagens de associação às opções “homem” e “mulher” não apresentam grandes discrepâncias entre si, nos diferentes tipos de ato ilocutório. Todavia, nos atos expressivos, a percentagem de atribuição ao género feminino (53,1%) é salientemente mais elevada do que a percentagem de atribuição ao género masculino (46,9%), significando que, em geral, os atos expressivos são, em termos de probabilidade e frequência, mais expressos pela mulher, na perspetiva dos participantes. Nos atos assertivos, há uma diferença mínima entre as percentagens de atribuição aos dois géneros (50,1% para “homem” e 49,3% para “mulher”), o que dá a entender que os atos assertivos são expressos regularmente por ambos, equitativamente (este dado poderá relacionar-se com a alta frequência de produção deste tipo de ato tanto por homens como por mulheres). Nos atos diretivos, é de sublinhar que a percentagem de atribuição à opção “homem” (51,9%) é superior à opção “mulher” (48,1%), sugerindo assim que se trata de um tipo de ato que é percecionado pelos participantes como sendo mais enunciado pelo género masculino do que pelo género feminino. Finalmente, nos atos compromissivos, a percentagem é equivalente nas duas opções (50%), o que demonstra que, com base nas perceções dos participantes, a expressão de compromissos (promessas, ameaças, etc.) é comum aos dois géneros.

## 5. Conclusão

A principal conclusão a ser retirada dos resultados atingidos e que, por sua vez, responde à primeira pergunta de investigação formulada inicialmente, é a de que existem regularidades nas percepções sobre os usos linguísticos entre homens e mulheres, particularmente na força ilocutória utilizada para a execução dos atos, corroborando-se assim a hipótese (i). As respostas dos participantes refletiram, em grande parte, as associações dos enunciados prototípicos testados ao género esperado (gráfico 9), querendo isto dizer que há regularidades estereotipicamente percebidas como sendo características do discurso do homem ou da mulher.

Quanto à análise isolada dos diferentes tipos de atos, verificou-se que é nos atos ilocutórios expressivos onde existe mais conformidade nas respostas fornecidas pelos participantes. É importante realçar que os participantes associaram tanto os atos expressivos como os atos compromissivos de força ilocutória intensificada como sendo tipicamente proferidos pela mulher e os atos expressivos e compromissivos de força neutra ou atenuada como sendo proferidos pelo homem, tal como a hipótese (ii) propôs (gráficos 1 e 2; gráficos 7 e 8). Já nos atos assertivos, os resultados não se demonstraram tão lineares como os que se constatarem nos atos expressivos, uma vez que são os atos em que se assiste a uma maior dispersividade e menos consenso na totalidade das respostas proporcionadas (gráficos 3 e 4). Nesse caso particular, uma parte significativa dos participantes associou os atos assertivos de força ilocutória intensificada como sendo proferidos pela mulher e os atos assertivos mitigados como sendo proferidos pelo homem. Esta associação vai contra a hipótese (iii), dado que as percentagens assinaladas não evidenciaram que os atos assertivos de força ilocutória elevada são intrinsecamente mais associados ao género masculino, sendo também significativamente associados ao género feminino. A última hipótese (iv) é também comprovada, em virtude de os atos diretivos de força ilocutória mitigada, formulados através de perguntas e com recurso a mecanismos linguísticos que reforçam o nível de cortesia, serem correlacionados predominantemente com o género feminino, e os atos diretivos de ordem, com força ilocutória elevada por serem explícitos, serem correlacionados com o género masculino (gráficos 5 e 6). A comprovação ou refutação das hipóteses colocadas serve de resposta à segunda pergunta de investigação, dado que se detetaram regularidades específicas nos usos linguísticos associados ao homem e à mulher: atos expressivos e compromissivos de força ilocutória elevada e atos diretivos de força ilocutória mitigada eminentemente associados à mulher; atos expressivos e

compromissivos de força ilocutória mitigada e atos diretivos de força intensificada fortemente associados ao homem; ausência de consenso na associação de atos assertivos de força ilocutória realçada ou reduzida a um determinado género.

Finalmente, através do tratamento estatístico dos dados, detetou-se que determinados atos ilocutórios estabelecem uma ligação mais próxima com o género masculino ou feminino (gráfico 10). Apesar disso, em alguns atos não existe discrepância percentual entre géneros, porque as percentagens de ambas as opções “homem” e “mulher” se apresentam distribuídas unanimemente. Nos atos expressivos é onde as percentagens são menos equilibradas, pois trata-se de um tipo de ato de fala que é mais associado ao género feminino, de acordo com os resultados obtidos. Nos atos diretivos observa-se o contrário, dado que estes são moderadamente mais associados ao género masculino. Já nos atos assertivos, assim como nos atos compromissivos, depreende-se que não há grande diferença nas percentagens por seleção de género, verificando-se, portanto, uma coincidência percentual entre as opções.

Em pesquisas ou desdobramentos futuros deste estudo em concreto, seria interessante recolher mais dados a partir de uma amostra maior e mais diversificada em termos de faixas etárias e género, de forma a garantir uma representação mais equilibrada entre todas as variáveis e, assim, ser possível fazer uma correlação entre as mesmas sem riscos de enviesamento. Considerou-se a hipótese de se correlacionar a variável do género com os resultados conseguidos mas, como referido nas secções da introdução e da amostra, o número de mulheres que responderam ao questionário foi bastante superior ao número de homens, o que levou à decisão de não se incluir essa análise neste estudo. Além disso, seria igualmente instigante alargar este estudo a um espectro mais aprofundado e complexo de investigação, através da inclusão de perguntas abertas sobre o tema e da inserção de mais opções de escolha/condições num próximo questionário, ou da realização complementar de entrevistas para a obtenção de informações descritivas que suportassem e fundamentassem os dados estatísticos encontrados.



## Referências bibliográficas

- Austin, J. L. (1962). *How To Do Things With Words*. Cambridge: Harvard University Press.
- Bally, C. (1944). *Linguistique générale et linguistique française*. Berne: A. Francke.
- Briz, A., & Albelda, M. (2013). Una propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística en español y portugués. La base de un proyecto en común (ES. POR. ATENUACIÓN). *Onomázein*, (28), 288-319.
- Bucholtz, M., & Hall, K. (1995). Introduction: Twenty Years after Language and Woman's Place. In K. Hall & M. Bucholtz (Eds.), *Gender Articulated: Language and the Socially Constructed Self* (pp. 1-22). London: Routledge.
- Cameron, D., McAlinden, F., & O'Leary, K. (1988). Lakoff in context. In J. Coates & D. Cameron (Eds.), *Women in their speech communities* (pp. 74-93). London: Longman.
- Campos, M. H. C. (1998). *Dever e poder – Um subsistema modal do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Campos, M. H. C. (2004). A modalidade apreciativa: uma questão teórica. In F. Oliveira & I. M. Duarte (Eds.), *Da Língua e do Discurso* (pp. 265-281). Porto: Campo das Letras.
- Campos, M. H. C., & Xavier, F. M. (1991). *Sintaxe e semântica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Coates, J. (1988). Gossip revisited: language in all-female groups. In J. Coates & D. Cameron (Eds.), *Women in their speech communities* (pp. 94-122). London: Longman.
- Coates, J. (2015). *Women, men and language: a sociolinguistic account of gender differences in language*. London: Routledge.
- Charaudeau, P., & Maingueneau, D. (2002). *Dictionnaire d'Analyse du Discours*. Paris: Armand Colin.
- Corbari, A. T. (2008). *Um estudo sobre os processos de modalização estabelecidos pelo par "e + adjetivo" em artigos de opinião publicados no jornal Observatório da Imprensa* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste].
- Dubois, B. L., & Crouch, I. (1975). The question of tag questions in women's speech: they don't really use more of them, do they? *Language in Society*, 4(3), 289-294. <https://doi.org/10.1017/S0047404500006680>
- Eakins, B. W., & Eakins, R. G. (1979). Verbal turn-taking and exchanges in faculty dialogue. In B. L. Dubois & I. Crouch (Eds.), *The sociology of the languages of american women* (pp. 53-62). San Antonio, TX: Trinity University.
- Ely, R. & Gleason, J. B. (2002). Gender differences in language development. In A. V. McGillicuddy-De Lisi & R. De Lisi (Eds.), *Biology, society and behavior: the development of sex differences in cognition* (Vol. 21). London: Bloomsbury Publishing.
- Fairclough, N. (2001). *Discurso e mudança social* (Trad. I. Magalhães). Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1980). *L'énonciation de la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin.
- Halliday, M. A. K. (1985). *An introduction to functional grammar* (1st ed.). London: Edward Arnold.

- Holmes, J. (1984). Hedging your bets and sitting on the fence: some evidence for hedges as support structures. *Te Reo*, 27(1), 47-62.
- Holmes, J. (2013). *An introduction to sociolinguistics* (4th ed). London: Routledge.
- Hyndman, C. (1985). *Gender and language differences: a small study* [Unpublished term paper, Victoria University of Wellington].
- James, D., & Clarke, S. (1993). Interruptions, gender and power: a critical review of the literature. In D. Tannen (Ed.), *Gender and conversational interaction* (pp. 231-280). Oxford: Oxford University Press.
- Lakoff, R. (1973). Language and woman's place. *Language in society*, 2(1), 45-79. <https://doi.org/10.1017/S0047404500000051>
- Lyons, J. (1970). *Linguistique générale: introduction à la linguistique théorique*. Paris: Librairie Larousse.
- Lopes, A. C. M. (2011). Atos de fala e ensino do português como língua materna: algumas reflexões. *Português, língua e ensino*, 223-246.
- Lopes, A. C. M. (2018). *Pragmática: uma introdução*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- McMillan, J. R., Clifton, A. K., McGrath, D., & Gale, W. S. (1977). Women's language: Uncertainty or interpersonal sensitivity and emotionality? *Sex roles*, 3, 545-559. <https://doi.org/10.1007/BF00287838>
- Meunier, A. (1974). Modalités et communication. *Langue française*, 21, 8-25. <https://doi.org/10.3406/lfr.1974.5662>
- Searle, J. R. (1969). *Speech acts: an essay in the philosophy of language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Searle, J. R. (1979). *Expression and meaning: studies in the theory of speech acts*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Soares, M. (1996). *Modificação de actos ilocutórios, em português* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. <http://hdl.handle.net/10216/18118>
- Tannen, D. (2012). The medium is the metamessage: conversational style in new media interaction. In D. Tannen & A. M. Trester (Eds.), *Discourse 2.0: Language and New Media* (pp. 99-117). Washington, DC: Georgetown University Press.
- Oliveira, F. (1993). Questões sobre modalidade em português. *Cadernos de Semântica*, 15. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Oliveira, F., & Mendes, A. (2013). Modalidade. In E. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Eds.), *Gramática do Português* (Vol. 1). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pilkington, J. (1989). 'Don't try and make out that I'm nice': the different strategies that men and women use when gossiping [Unpublished term paper, Victoria University of Wellington].
- Romaine, S. (1998). *Communicating gender*. New York: Psychology Press.
- West, C. (1984). When the doctor is a "lady": power, status and gender in physician-patient encounters. *Symbolic Interaction*, 7(1), 87-106. <https://doi.org/10.1525/si.1984.7.1.87>

- West, C., & Zimmerman, D. H. (1983). Small insults: a study of interruptions in cross-sex conversations between unacquainted persons. In B. Thorne, C. Kramarae, & N. Henley (Eds.), *Language, Gender and Society* (pp. 103-118). Rowley, MA: Newbury House.
- Zimmerman, D. H., & West, C. (1975). Sex roles, interruptions and silences in conversation. In B. Thorne & N. Henley (Eds.), *Language and sex: difference and dominance* (pp. 105-129). Rowley, MA: Newbury House.

## Anexos

**Anexo 1:** *corpus* constituído por 16 enunciados prototípicos masculinos e 16 enunciados prototípicos femininos, distribuídos por pares correspondentes, com as etiquetas “H” (homem) e “M” (mulher):

- (1) “O passeio foi super divertido!” **M**  
“O passeio foi bom.” **H**
- (2) “Credo, nem pensar! Eu não era capaz de uma coisa dessas.” **M**  
“Eu não era capaz disso.” **H**
- (3) “Que cão tão fofinho! É mesmo adorável.” **M**  
“Que cão engraçado.” **H**
- (4) “Não percebi, explica outra vez.” **H**  
“Desculpa, parece que não entendi bem. Podes explicar outra vez, por favor?” **M**
- (5) “Graças a Deus que tudo correu bem!” **M**  
“Ainda bem que correu bem.” **H**
- (6) “Não quero incomodar, mas seria possível dar-me uma informação?” **M**  
“Dá-me uma informação, por favor?” **H**
- (7) “Tenho a certeza de que a solução é esta.” **H**  
“A solução pode ser esta, creio eu.” **M**
- (8) “A saída de ontem até foi fixe.” **H**  
“Adorei a saída de ontem!” **M**
- (9) “O tempo está ótimo, não está?” **M**  
“O tempo está ótimo.” **H**
- (10) “Desculpa, atrasei-me.” **H**  
“Peço imensa desculpa, atrasei-me.” **M**
- (11) “Eu creio que vamos sempre a tempo de mudar, não achas?” **M**  
“Vamos sempre a tempo de mudar.” **H**
- (12) “Ó meu deus, não vais acreditar no que descobri!” **M**  
“Sabes o que descobri?” **H**
- (13) “Depois falamos, agora não dá.” **H**

“Depois falamos, pode ser? Agora não dá muito jeito.” **M**

(14) “Prometo que vou estar aqui para ti sempre que precisares de mim!” **M**  
“Podes contar comigo.” **H**

(15) “Vamos dar uma volta logo.” **H**  
“Que tal darmos uma volta mais logo?” **M**

(16) “Agradeço a ajuda.” **H**  
“Agradeço imenso a ajuda.” **M**